

LEITURA DINÂMICA

Na indústria, alguns sinais indicam que a recuperação da economia pode estar começando. E um estudo do IPEA afirma que o pior da recessão pode estar chegando ao fim, apesar de os números mostrarem que a queda na indústria, no primeiro semestre, deva chegar a 10%, consideran-

do-se os últimos 12 meses. Na página seguinte, o presidente Collor determina que seja aberto inquérito para apurar responsabilidades por eventuais crimes cometidos durante a última tentativa de greve geral. Na 11, os especuladores que se beneficiaram de informações privilegiadas para

manipular o mercado de café podem ter perdido dinheiro com a operação. Na 12, chega ao Senado o protocolo do acordo feito entre o Brasil e os bancos credores sobre os juros atrasados da dívida. Na 13, a Volks anuncia que vai lançar o Gol 1.000, na tentativa de deter o Uno Mille.

Sinais de recuperação animam empresários

WANISE FERREIRA E
SILVANA ASSUMPCÃO

Os primeiros sinais de recuperação industrial, apesar de ainda tímidos e setorizados, começam a animar os empresários. No entanto, essa sinalização é encarada com cautela, pois relaciona o atual desempenho ao período de quedas bruscas de produção e vendas registrado do final do ano até fevereiro. Além disso, vários setores estão procurando reforçar as vendas para o Exterior. Tanto a Fiesp quanto a Confederação Nacional da Indústria (CNI) esperam o aquecimento para junho. Já o comércio varejista não é tão otimista e se divide em relação aos prognósticos. Segundo o economista Marco Antonio Guarita, da CNI, um exemplo de que a retomada do crescimento pode estar próxima são os dados de maio do setor de embalagens, que funciona como um termômetro antecipado da produção.

Em comparação com abril de 1990 — logo em seguida ao Plano Collor I —, os percentuais do crescimento da indústria são altos. Segundo Guarita, o Instituto Brasileiro de Siderurgia deve fechar o mês de abril deste ano com uma recuperação de no mínimo 19% em relação a abril de 90. Resultado ainda mais significativo deve ser anunciado pelas montadoras, com 41% de crescimento, e a indústria de pneumáticos, com até 88%.

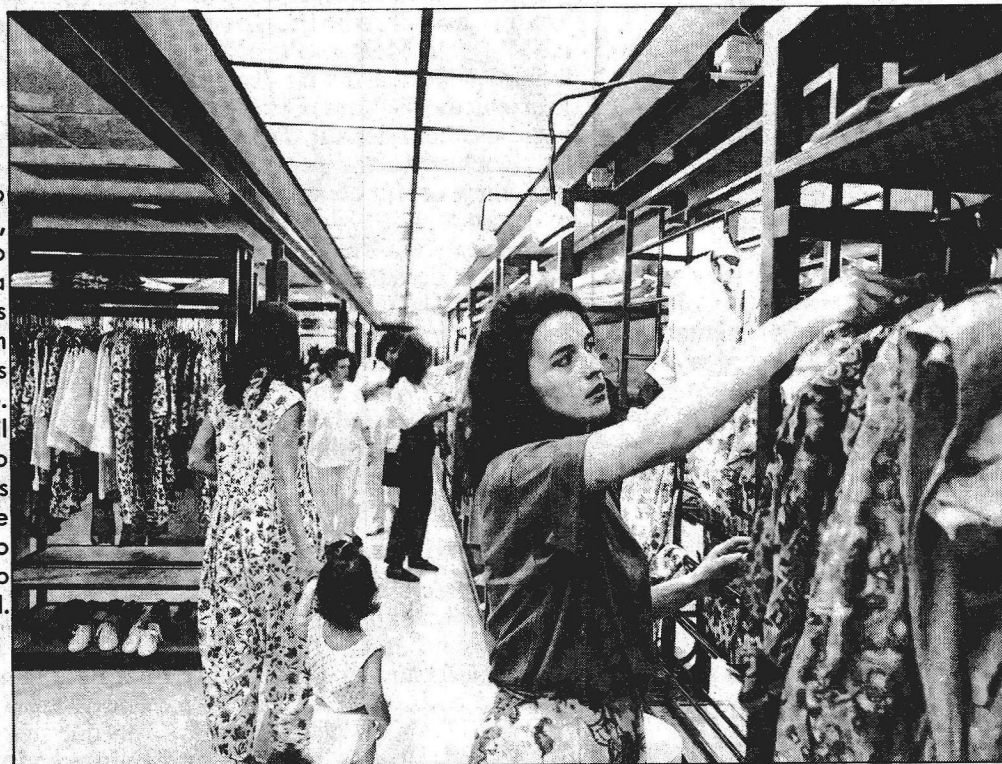
Queda da ociosidade

A indústria de plástico está comemorando a queda da ociosidade de 35% dos últimos meses para 25% em maio. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast), Celso Hahne, a tendência de crescimento deverá se reforçar em junho e julho.

A retomada está animando os empresários da indústria de plásticos a investirem, o que já se reflete no setor de máquinas e equipamentos. O presidente interino da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), Luiz Pércles, confirma o aquecimento nas vendas de injetores de plásticos. Os outros são o de máquinas agrícolas e máquinas e ferramentas.

Na avaliação de Pércles, a queda de vendas registradas no primeiro trimestre deste ano, cerca de 70%, deve comprometer o faturamento anual do setor, que ficará abaixo dos US\$

No comércio de roupas, o movimento maior fica com as lojas que trabalham com pontas de estoque. O setor têxtil ainda não sentiu os sinais de recuperação da produção industrial.



Arquivo/AE - 21.12.90

15,2 bilhões registrados em 1990. E que, por sua vez, já foi abaixo de 1989, quando foram faturados US\$ 18 bilhões.

Quadro desfavorável

O quadro para as empresas de máquinas e ferramentas não favorece investimentos, afirma Pércles. Em 1990, a previsão de investir US\$ 1,6 bilhão não foi concretizada, chegando a US\$ 1,1 bilhão. Este ano esperava-se investimentos de US\$ 1,4 bilhão, mas eles não devem ultrapassar US\$ 800 milhões. Isso deixa longe a meta com que trabalha o setor, de investir US\$ 5 bilhões anualmente, durante cinco anos, para voltar a produzir US\$ 25 bilhões, como em 87.

Mas a retomada das atividades não está atingindo o setor têxtil. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil, Paulo Skaf, uma ligeira recuperação foi sentida em abril mas não teve prosseguimento em maio. A ociosidade do setor, de 50% no início do ano, está próxima a 30%. Os investimentos estão praticamente congelados e uma das saídas tem sido o incremento de exportação, que este ano pode ser de 20%. Em 1991 as vendas externas somaram US\$ 1 bilhão e para este ano a perspectiva é atingir US\$ 1,2 bilhão.

As vendas externas também estão sendo buscadas pelo setor de máquinas e ferramentas, que pretendem superar os US\$ 2,2 bilhões atingidos em 1990.